

NARRATIVAS DOCENTES: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM UMA ESCOLA NO CONTEXTO DE FLORESTA NA AMAZÔNIA ACREANA

Bruna Lalinny Magalhães da Silva¹

Weima Nogueira Lima da Cruz²

Risonete Gomes Amorim³

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar algumas das construções discursivas sobre as Amazônias, o estudo será baseado nas contribuições teóricas de autores que estudam as narrativas sobre esses espaços. Nesse sentido, metodologicamente buscamos trazer um diálogo sobre perspectivas outras acerca do espaço Amazônico, a partir das narrativas e memórias de uma professora sobre suas experiências no espaço das escolas em contexto de floresta na Amazônia Acreana. Assim, no primeiro momento será apresentado como os discursos dos relatos de viajantes, missionários, naturalista refletem no imaginário social dos habitantes da Amazônia e Amazônia Acreana, dialogando com autores que trazem a perspectivas de narrativa das ausências, como Francisco Bento, além das contribuições dos estudos de Ana Pizarro, Nenevé e Sampaio, dentre outros. Deste modo, após as reflexões teóricas será apresentado uma análise das narrativas de experiência docente de uma professora atuante em uma escola no contexto de floresta na Amazônia Acreana, o relato foi coletado por meio de uma entrevista realizada no ano de 2024 no contexto rural da cidade de Rio Branco, local de atuação da professora, assim buscaremos refletir e discutir os impactos da experiência docente na sua construção discursiva sobre a escola e comunidade que atua.

Palavras-chave: Amazônia. Experiência. Narrativas. Professores. Acre.

TEACHING NARRATIVES: REPORTS OF EXPERIENCES IN A SCHOOL IN THE CONTEXT OF THE FOREST IN THE AMAZON, ACREA

¹ Discente no curso de doutorado do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre. Bolsista Capes. Mestre Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3699-9624>. E-mail: lalinnybruna@gmail.com.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Universidade Federal do Acre (ingresso 2023). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (2012-2014), na linha de pesquisa Linguagem e Educação. É Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre (2004). ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8000-1814>. E-mail: weima.cruz@ufac.br.

³ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Acre - UFAC (2001). Mestra em Letras: Linguagem e Identidade do Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagem e Identidade PPGLI. UFAC (2023). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagem e Identidade PPGLI. UFAC, ano 2024. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3699-9624>. E-mail: risonete.amorim@ifac.edu.br.

Abstract

The aim of this article is to present some of the discursive constructions about the different Amazons. The study is based on the theoretical contributions of authors who examine narratives concerning these spaces. Methodologically, we seek to establish a dialogue on alternative perspectives regarding the Amazonian territory, drawing from the narratives and memories of a teacher about her experiences in schools located in a forest context in the Acrean Amazon. In the first section, we present how the discourses found in the accounts of travelers, missionaries, and naturalists have shaped the social imaginary of the inhabitants of the Amazon and the Acrean Amazon. This discussion engages with authors who address the narrative of absences, such as Francisco Bento, as well as the contributions of scholars like Ana Pizarro, Nenevé, and Sampaio, among others. Following the theoretical reflections, we analyze the experiential narratives of a teacher working in a school situated within the forest context of the Acrean Amazon. The account was collected through an interview conducted in 2024 in a rural area of Rio Branco, where the teacher works. Based on this, we seek to reflect upon and discuss the impacts of her teaching experience on the discursive construction of her perceptions of the school and the community in which she operates.

Keywords: Amazon. Experience. Narratives. Teachers. Acre.

Introdução

A construção discursiva em torno da Amazônia envolveu diferentes perspectivas e narrativas. Baseadas pelo olhar do outro os relatos que compõem a memória social sobre estes espaços se constituíram sob as lentes dos viajantes, missionários, europeus, naturalistas e militares. No entanto, as culturas, identidades e saberes produzidos pelos povos que habitam as Amazônias em sua diversidade, historicamente sofreram processos de apagamento e silenciamento, a partir de uma construção discursiva apresentada por meio dos relatos que constituíram uma “história oficial”, nessa esteira discursiva, Ana Pizarro nos apresenta os diferentes fios que teceram o imaginário social sobre o ambiente amazônico.

Ao observamos os discursos sobre a Amazônia, estes se fazendo presente inicialmente nos relatos de viajantes, nos relatórios oficiais e posteriormente nos dispositivos de poder, como os jornais, é possível identificar de qual perspectiva são polidas as lentes que retratam os espaços, os sujeitos, as culturas, os saberes. Nesse

sentido podemos identificar a presença do olhar colonizador bem como sua visão eurocêntrica presente na construção discursiva de uma certa Amazônia.

Assim, os reflexos do imaginário europeu sobre as comunidades amazônidas partem de uma narrativa que busca a inicialmente descrever e caracterizar as possibilidades de exploração da biodiversidade, quanto aos sujeitos amazônidos são silenciados, narradas a partir de suas ausências, quando projetamos essas lentes para um recorte deste amplo ambiente, especificamente para o campo da educação nas escolas em contexto de floresta na Amazônia Acreana, o olhar que inferioriza esse espaço em todos os seus aspectos também se faz presente.

Vale refletir brevemente sobre a construção social e imaginária desses olhares externos formulados a partir de concepções eurocêntricas, nesse sentido tomamos por “ocidental” o tipo de sociedade descrita como “(...): desenvolvida, industrializada, urbanizada, capitalista, secular e moderna” (Hall, 2016, p. 315) Torna-se necessário discutir como o imaginário social moldado em torno desse ocidente, moldou e impulsionou a maneira como se visualiza as sociedades tidas como “não ocidentais”. Stuart Hall nos leva a refletir para além de uma visão geográfica, a maneira como a concepção do que é ocidental ou não, fornece um padrão e modelo de comparação em diferentes sociedades, mesmos sendo identificadas como próximas.

Ao analisar a cristalização da perspectiva ocidental em nossas sociedades, observa-se como essas sociedades são classificadas a partir de valorações positivas ou negativas. Quando nos referimos ao imaginário sobre “a Amazônia”, construída como uma entidade única e singular, tornam-se evidentes as estruturas de exclusão e controle presentes nesse contexto.

Nesse sentido, tudo aquilo que não se assemelha aos ideais ocidentais passa a ser compreendido como “o resto”. As sociedades não inseridas no paradigma ocidental são unificadas e representadas como “diferentes”. Ao examinarmos as relações discursivas presentes no ambiente amazônico, encontramos discursos em constante

construção e movimento, conforme demonstram os estudos de Michel Foucault sobre as relações de poder imbricadas na produção discursiva.

Assim, um recorte desses discursos sobre a Amazônia acreana revela construções ideológicas baseadas no olhar ocidental, manifestas nas formas de representar o ambiente e seus habitantes. Essa aproximação com paradigmas familiares se confirma na representação do espaço acreano apresentada no livro *"Acre: formas de olhar e de narrar - natureza e história nas ausências"*, do professor Francisco Bento da Silva.

As narrativas sobre a Amazônia acreana, como todo discurso, dialogam com construções ideológicas em que caracterizam socialmente e politicamente o ambiente e seus personagens. Quanto as representações que enfatizam os aspectos geográficos e sociais a partir do isolamento, dos saberes subalternizados, da natureza exuberante como produto e a caracterização dos sujeitos que ali habitam, estão imbricadas nas relações de poder, tendo em vista a articulação do que será dito e como será dito, estas relações são dialogadas por Foucault (2014, p. 8), a produção do discurso é "ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída (...) tendo por função conjurar seus poderes e perigos".

Em sua obra, Francisco Bento (2020) propõe uma narrativa das ausências, adotando uma perspectiva interna - não privilegiada, mas alternativa - para contar a história do Acre a partir do século XX. Seu estudo dá voz aos silenciados, destacando as ausências de crianças, mulheres e da noção de civilização numa representação caricatural desse ambiente.

Compreendemos assim que as narrativas sobre as Amazônias estão profundamente entrelaçadas com mecanismos de controle. Os estudos culturais oferecem ferramentas para desconstruir as interdições e exclusões sofridas pelos discursos dos habitantes desses espaços. Nesse contexto, as narrativas de professores atuantes em escolas florestais, com suas experiências docentes, tornam-se

fundamentais para reflexão sobre saberes singulares, muitas vezes desconhecidos ou silenciados pelos centros hegemônicos.

Partindo de uma compreensão a partir do olhar de dentro da Amazônia “é que podemos proporcionar uma reflexão e uma re-imaginação do local, da região, dos conceitos concernentes à mesma” (Nenevé e Sampaio, 2015, p. 21). Nessa esteira discursiva, o diálogo a seguir será constituído a partir da narrativa de uma professora que atuou em escolas em contexto de floresta (termo este a ser utilizado durante o estudo tendo em vista a pluralidade de espaços existentes nas comunidades distanciadas dos centros urbanos) no estado do Acre, tendo como suporte para análise seus relatos coletados e gravados, onde suas memórias e experiências em comunidades localizadas nos ramais, varadouros e nas margens dos rios, nos possibilitam ir de encontro ao olhar do outro, este eurocêntrico, apresentando uma realidade pouco abordada.

Dessa forma, a seguir continuaremos apresentar algumas das construções discursivas sobre as Amazônias, o estudo será baseado nas contribuições de autores locais, sobre as narrativas que caracterizam esses ambientes. Propomos também apresentar as narrativas e memórias de uma professora sobre o espaço das escolas em contexto de floresta, buscando trazer o que o professor Francisco Bento expõe sobre a importância que “saberes multifacetados em seus aspectos epistemológicos, de fontes e de lugares e de falas diversas, sejam produzidos, confrontados e divulgados em concomitância e até estilizando aos que já são canônicos” (Silva, 2020, p.18).

Amazônia uma construção discursiva

Para apresentarmos as experiências docente na escola em contexto de floresta na Amazônia Acreana, acerca das suas perspectivas sobre o espaço, comunidade, educação e escola, torna-se necessário retomar algumas das perpetuações dos discursos sobre as Amazônias. Mesmo a Amazônia acreana ser uma parte menor deste grande espaço, os imaginários e memórias sociais sobre eles se assemelham.

Os relatos em torno da Amazônia foram imaginados e formados a partir de um ambiente em comum importante, determinante no deslocamento dos viajantes para as comunidades, este sendo o

O ambiente fluvial, os cursos dos rios estiveram presentes nos relatos dos viajantes espanhóis e cientistas, a partir desses decursos os imaginários sobre a Amazônia se formaram. São textualidades que repousam sobre o decurso, que se desdobram em uma infinidade de furos, igarapés, lagoas, afluentes, tributários (Pizarro, 2012, p. 18).

Como nos mostra Pizarro (2012), os discursos se desenvolvem em múltiplos afluentes, porém as representações desses espaços foram construídas a partir de uma perspectiva eurocêntrica. As culturas, povos e modos de vida foram homogeneizados, ou seja, as identidades e populações amazônicas foram historicamente retratadas como únicas e uniformes. Nesse processo, os dispositivos de controle perpetuaram essas formas unívocas de narrar a região.

A Amazônia é, tal como hoje a percebemos desde seu descobrimento pelos olhos do homem ocidental, a história dos discursos que a construíram, em diferentes momentos históricos e dos quais recebemos uma informação parcial, que permite fundamentalmente identificar o discurso dos europeus sobre ela (Pizarro, 2012, p.33).

Ao analisarmos as representações sobre o espaço amazônico a partir de uma perspectiva alternativa à visão dominante, encontramos nas pesquisas de Pizarro (2012) um marco teórico relevante. Em sua obra *Amazônia: as vozes do rio*, examina criticamente as narrativas que constroem as identidades amazônicas, oferecendo um contraponto essencial às representações estereotipadas da região. A autora traz as reflexões sobre a construção discursiva da Amazônia, o discurso ideológico, baseado no olhar ocidental, este responsável por apagar e silenciar as diversas comunidades ribeirinhas com grandes populações, em seus modos de vida com a presença de agricultura diversificada, produção de cerâmicas, além de suas culturas bem

estabelecidas, no entanto, com a presença do colonizador essas comunidades foram brutalmente desestabilizadas

Ao pensarmos no espaço Amazônia brasileira, mesmo sendo moradores deste local, é intrínseco imaginarmos que vivemos no “pulmão do mundo”, narrativa esta propagada pelos dispositivos de poder, pouco se é falado da não preservação deste ambiente, outro ponto a ser refletido refere-se ao não conhecimento da pluralidade das culturas existentes, consequência esta do discurso de unificação das culturas.

Temos entre essas narrativas a presença de algumas representações, como por exemplo, a culturas da selva tropical o apelo ao universo mítico com os seres encantados parte da literatura, personagens como curupira, o boto, a cobra grande, o lobisomem.

A Amazônia é, assim, uma construção discursiva (...) possuía elementos que atuavam como dispositivos simbólicos no invasor, instigando nele conexões semióticas do imaginário, permitindo que comparasse com o que via um universo mítico, que correspondia a suas carências, expectativas, necessidades físicas e espirituais (Pizarro, 2012, p.33).

A autora nos traz o despertar para os discursos propagados pelos ocupantes, sejam eles espanhóis, portugueses, ingleses e seus objetivos, com a implementação desses imaginários, tendo em vista que todo dito exerce relações de poder, como apresentando anteriormente os relatórios e documentos das excursões nos rios das amazônias não incluía as vozes daqueles que habitavam esses espaços.

Ao analisarmos essas representações sobre o espaço Amazônico, encontraremos discursos que expressam a relação do homem com a natureza, ora um ambiente de múltiplas riquezas, mas um meio que pode causar destruição do homem, a dualidade de céu e inferno se faz presente. As narrativas sobre a Amazônia envolveram diferentes personagens, com diferentes perspectivas e objetivos.

Primeiro aparecem os “descobridores”, os ocupantes, depois vêm os cientistas viajantes. Entre os primeiros se encontra também o discurso

missionário. O território é ocupado fisicamente, mas a penetração é tímida em direção ao interior, a partir das margens dos rios, afluentes e igarapés. O território é inexpugnável, a selva é como uma grande muralha sobre a qual se tecem uma infinidade de histórias. A Amazônia é ocupada primeiramente, pela imaginação fantasiosa do conquistador e, posteriormente, pelo imaginário dos naturalistas (Pizarro, 2012, p. 38, aspas do autor).

A pesquisadora Ana Pizarro nos diz, sobre as figuras presentes nos discursos instalados no imaginário social, sendo estes: as Amazonas, o Eldorado e o Maligno. A Amazônia em espaço geográfico se estende por nove países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Venezuela e Suriname mais o território da Guiana Francesa. Logo, esse vasto território fez fronteiras com diversos povos como os Incas:

Ao levarmos em consideração a tríade dos personagens que se instalam nos relatos reproduzidos sobre o ambiente amazônico, nos levam observar um aspecto fundamental, a dualidade nas construções das narrativas, enquanto descrevem um ambiente de extraordinária biodiversidade e pluralidade cultural - abrangendo diversos países e sistemas de conhecimento - simultaneamente construíram uma imagem ambivalente da região. Por um lado, exaltavam suas riquezas naturais; por outro, representavam-na como espaço de perdição, associado à solidão, doenças e degeneração moral.

Nota-se uma significativa lacuna nesses registros: a ausência das vozes indígenas e dos sujeitos que habitavam esses ambientes, durante séculos de narrativa colonial. Como observa Silva (2020, p. 13), somente a partir do final do século XIX emergiram relatos amazônidas que buscaram "remar contra as narrativas hegemônicas tecidas e cristalizadas como únicas pela onda iluminista ortodoxa" - tarefa que o autor qualifica como hercúlea. Esses contra-discursos surgiram justamente para desestabilizar as verdades estabelecidas sobre a região e seus habitantes.

As narrativas construídas a partir de uma perspectiva interna revelam a Amazônia em sua pluralidade. Nesse contexto, os relatos de experiência e as memórias

docentes - particularmente de professores que atuam em escolas florestais - adquirem especial relevância ao trazer à luz saberes tradicionalmente marginalizados. Esses conhecimentos, sistematicamente silenciados e excluídos pelos paradigmas ocidentais, encontram nesses registros uma possibilidade de expressão.

O "outro", frequentemente reduzido à categoria de "resto" no imaginário hegemônico, conquista assim o direito de narrar sua própria história. Essas vozes, antes excluídas do discurso oficial, emergem como contraponto vital às representações dominantes da região e seus habitantes. Ao nos reportarmos ao ambiente da Amazônia Acreana, historicamente este território é narrado a partir de suas ausências, seja ela de cultura, de saber, de política, de pessoas capacitadas. Discursos esses reproduzidos socialmente, refletindo diretamente na maneira como os próprios habitantes deste local visualizam suas culturas, modos de vida e saberes. A seguir, apresentaremos os reflexos dos discursos hegemônicos sobre a Amazônia Acreana na relação dos professores atuantes nas escolas em contexto de floresta e o papel da experiência no descobrimento da pluralidade de culturas e saberes.

Narrativas docente: experiências na escola em contexto de floresta

Nesta seção, analisamos as narrativas de uma docente acerca de suas perspectivas sobre o espaço de atuação profissional e produção de saberes, construídos a partir de experiências em uma escola florestal no município de Rio Branco, Acre. Os relatos aqui apresentados correspondem a um recorte específico da pesquisa, consistindo em entrevista realizada em 2024 com uma professora atuante na Escola Alto Alegre II, instituição situada em contexto florestal na zona rural da capital acreana.

A entrevistada é Eugênia, pedagoga, formada em letras língua portuguesa, leciona na sala multisseriada, com alunos do primeiro ano do ensino fundamental ao quinto, sua entrada nas escolas em contexto de floresta ocorreu por meio do programa

Caminhos do Saber, organizado pelo governo do estado do Acre com a secretaria de educação do estado, há dois anos atua na escola Alto Alegre II, sua segunda formação, a de letras iniciou-se frente as necessidades educacionais dos alunos.

É fundamental reconhecer que os relatos aqui examinados não esgotam a complexidade das experiências docentes nos múltiplos contextos amazônicos. Este estudo concentra-se especificamente na análise qualitativa de uma trajetória profissional singular - a de uma professora com dois anos de atuação na Escola Alto Alegre II, localizada na zona rural de Rio Branco. Através de entrevista em profundidade realizada em 2024, deste modo, o objetivo específico deste trabalho é compreender como seu olhar pedagógico se transformou no convívio prolongado com comunidades tradicionais em ambiente florestal.

Ressaltamos que a base de nossa pesquisa refere-se as narrativas de experiência docente, deste modo tendo como fonte a memória, nesse sentido nosso intuito não é contestar os relatos apresentados ao compararmos com perspectivas teóricas acerca do ambiente amazônico, bem como as práticas pedagógicas apresentadas pela professora Eugênia, ressaltamos que usaremos seu nome real, tendo em vista que trata-se da sua história, além da liberação do uso de seu nome por meio da assinatura do termo livre-esclarecido.

Ao tratarmos de relatos de experiência, as motivações para entrevistar professores nesse contexto de escolas na Amazônia Acreana, partiu da experiência de uma das autoras como docente nessas escolas. Nesse sentido, partindo do princípio das narrativas outras, a seguir será apresentado um pequeno recorte de sua experiência em uma das escolas de sua atuação, tendo em vista que o espaço da Amazônia Acreana é múltiplo.

Acerca do seu primeiro contato com a escola em contexto de floresta a professora Bruna, relata:

Acerca da primeira experiência docente nas escolas em contexto de floresta foi no ano de 2018, em uma comunidade situada no ramal Jarinal, zona rural da cidade de Rio Branco, no Estado do Acre. Por

meio de um contrato provisório com a secretária de educação foi me ofertado lecionar linguagens no programa Asas da Florestania (atualmente descontinuado). Apesar de ser próximo a zona urbana da cidade de Rio Branco, o ambiente em que a escola está situada era desconhecido, como um “lugar outro”.

Com residência na zona urbana o deslocamento até a escola ocorreu no período de inverno Amazônico. Junto a mim estavam mais seis professores, o deslocamento ocorria primeiramente pela transacreana até o quilometro 75 e, ao adentrar no ramal mais 15 quilômetros de caminhada, recordo-me das primeiras impressões da “boca do ramal”. Primeiro pensei: é muita lama e eu não vim com vestimenta adequada. Encorajada pelos demais professores, iniciamos nossa caminhada e à medida que adentrávamos no ramal as casas ficavam mais espaçadas. Em dado momento já não era mais possível visualizar nenhuma. As árvores, os pastos, os animais por algumas boas horas tomaram conta da paisagem. Durante a caminhada fiquei para trás alguns metros dos professores, não conhecia os caminhos outros que alguns já sabiam para não ser tomada pelo lamaçal. Eu não sabia, afinal, aquele espaço era uma realidade, outra da vivenciada por mim, em dado momento eu fiquei atolada, com lama até os joelhos, recordo de sentar-se ali e olhar para os lados e somente ver os matos.

Ao analisar hoje esta memória, por meio de outras lentes, reflito sobre o porquê do medo dos “animais selvagens” ou o sentimento de pequenez veio à tona frente a uma natureza que teoricamente deveria ser conhecida por habitantes da Amazônia Acreana? Por meio desta experiência consigo identificar as relações discursivas que poliram a maneira como olhei e interagi com o ambiente (Bruna, Relato, Rio Branco/Acre, 2024).

O relato apresentado pela professora Bruna, expõe uma parte menor, mas não menos importante, da Amazônia Acreana, a realidade existente nos múltiplos contextos das escolas distanciadas dos centros urbanos. Torna-se relevante visibilizar os saberes outros, distanciados dos conhecimentos socialmente valorizados nos ambientes científicos, mas que estão em total relação com a realidade dos alunos e comunidades atendidas pelas escolas rurais, apesar dos discursos em torno desses espaços estarem cristalizados na perspectiva de um ambiente hostil.

Podemos citar alguns dos pesquisadores locais que veem nesse exercício de trazer reflexões sobre narrativas memórias historicamente excluídas bem como um olhar outro sobre os discursos perpetuados por quem está de fora do ambiente

Amazônico, Franciso Bento, Gerson Albuquerque, João Veras, retratam em seus estudos, a necessidade do *desdizer*, decolonizar os saberes impostos pelo outro sobre o que se deve ser narrado, imposto e reproduzidos sobre nossas realidades.

Larrosa (2002) ao falar sobre o papel da experiência e sua construção de sentido, nos leva a refletir sobre o que fazemos daquilo que nos passa. Dessa maneira, tais experiências possibilitaram visualizar o espaço da Amazônia Acreana por outras perspectivas, como a presença da riqueza de conhecimentos produzidos no cotidiano escolar e na vivência com a própria comunidade, “quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (Bondía, 2002, p.21)”.

Em toda sociedade as narrativas se constituem a partir de discursos maiores, narrados conforme as circunstâncias, responsáveis por determinar o que se é dito e como deve ser dito, como apresentado anteriormente as narrativas sobre as Amazônias se perpetuam a partir do ambiente selvagem e desconhecido, relatos cristalizados em documentos, noticiários, perpetuados no cotidiano brasileiro.

Tudo aquilo que se distancia dos centros urbanos são retratados como um ambiente inferiorizado, temido, desconhecido, narrativas presentes nas instituições sociais, como as escolas, universidades e famílias. Nos dizeres cotidianos, referente as memórias daqueles que viveram nos seringais e comunidades rurais do estado do Acre é possível observar algumas características que se repetem sobre estes ambientes, como por exemplo a natureza exuberante, bem como os perigos que nela habitam, sejam eles místicos e selvagens.

Francisco Bento em sua pesquisa de pós-doutorado aborda as representações imagéticas sobre a região, o Acre passa a ser a metonímia da Amazônia dos séculos anteriores, “localidade não abasileirada, vazia e à parte da história nacional. Ao mesmo tempo é a metáfora- a parte tomada muitas vezes como o todo- dessa

Amazônia decantada como distante, infernal, paradisíaca, rica, selvagem, mundo de florestas, bichos e águas (Silva, 2020, p. 59)".

Ao discutir sobre as narrativas que envolvem a fauna e flora da região Amazônica, Silva (2020) nos leva a refletir sobre as diferentes narrativas acerca dos animais de pequeno e médio porte, bem como sobre as plantas e os seus micros organismos. A medida que este espaço sofreu com as ocupações ao longo dos séculos os sentimentos e percepções sobre os seres que habitam esses ambientes foram projetados na "recusa e aceitação, distanciamento e aproximação, medo e admiração" (Silva, 2020, p.60).

Ao perguntar sobre a primeira experiência docente na educação do campo (termo utilizado pela Secretaria de Educação do Estado Acre) e suas primeiras percepções, a professora respondeu:

Eu sabia da rural, né, e da urbana normal. Mas do campo, eu nunca fiquei sabendo desse programa. Eu fiquei sabendo por acaso quando eu fui selecionada. E aí falaram que era pro campo e tal. E eu pensava que o campo era a mesma coisa que o rural. Ah, aí vai ser rural. Só que não. Eles falaram que campo é a distância seria maior do que a rural, né? Aí eu, meu Deus do céu. Aí foi quando eu abri o choque mesmo da minha vida. A gente entrou aqui dia 15 de maio. (...) Deixou amanhã aqui a lama nas canelas. E a gente andou 5 quilômetros a pé. Lá do Centrinho até aqui a pé. A uma lama. (...) Depois do Centrinho a gente teve que vir a pé. Porque era muita lama e o ramal tava horrível na época. Em 2023. E aí quando eu cheguei aqui, eu nunca nem tinha vindo da escola. E eu chorei, fiquei depressiva. E eu chorava, chorava. Meu Deus, não tem nem como eu voltar porque eu já saí do outro emprego (Eugênia, Entrevista, Rio Branco/Acre, Julho, 2024).

A narrativa apresentada pela professora, nos possibilita abordar diferentes questões sobre sua primeira percepção e vivência em uma escola na floresta - utilizo este termo por compreender que o termo campo usado para se dirigir as escolas fora do espaço urbano não inclui as especificidades das escolas de nossa região - resalto,

que a discussão proposta não vem com o objetivo de reforçar os estereótipos cristalizados sobre o ambiente da Amazônia, mas, sim descrever como os discursos projetados por diferentes dispositivos sociais, direcionam a maneira como os habitantes da Amazônia acreana as visualizam.

No relato apresentado pela professora ela narra sua primeira experiência ao realizar o deslocamento até a escola, um dos principais fatores ao chamar sua atenção foi referente ao distanciamento da comunidade, bem como os fatores naturais, como o inverno Amazônico, a princípio frente a realidade distanciada por ela vivenciada.

O distanciamento da escola tomando como ponto de saída a centro urbano de Rio Branco é uma das principais características das escolas em contextos de floresta. O olhar para essas comunidades reforça os estereótipos projetados pelos viajantes, missionários, políticos sobre esse espaço. Acerca dos professores atuantes nessas escolas, o primeiro contato com as comunidades até então um ambiente desconhecido por eles traz os traços das narrativas dos atos das falas socialmente reproduzidas e reforçadas.

A partir do contato com as escolas e comunidades em contexto de floresta na Amazônia Acreana, os professores a partir de suas experiências, encontram com a pluralidade de culturas e saberes. Jorge Larrosa em seu texto *Notas sobre a experiência*, nos traz a reflexão sobre o papel da experiência, quando nos referimos as primeiras perspectivas dos docentes ao ter acesso as comunidades não estamos inferindo que eles não têm conhecimento do ambiente rural e suas configurações geográficas, no sentido de informação, mas sim da ausência de experiências docentes nestas escolas.

A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado (Bondía, 2002, p.22).

O autor em seu texto vem expor alguns pontos que impedem o homem moderno de vivenciar a experiência e deixar ser tocado por ela, um dos critérios que impede esse experienciar está na formação desse sujeito. O homem moderno é ensinado nas universidades a primeiro “adquirir” o conhecimento científico para depois opinar sobre os dispositivos de formação abordam uma metodologia de aprendizagem significativa, submetidos a esta estrutura de ensino, obter informações torna-se o mais importante nas estruturas curriculares.

Dito isto, buscando uma aproximação com os professores atuantes nas escolas em contexto de floresta, ao analisar as formações iniciais e continuadas, disponibilizadas por estes dispositivos, sendo universidades e cursos ofertados pelas secretarias dos estados, especificamente o estado do Acre, não se é falado ou discutido acerca das pluralidades de produção dos saberes “não científicos”, nos contextos em que a educação “do campo” se apresenta.

Durante a entrevista com a professora Eugênia, ao abordar sobre as características educacionais da escola em que ela estava atuando, ela expõe sobre o seu processo de aproximação e identificação com seus alunos.

A gente pegou pós pandemia. E as crianças praticamente não sabiam ler, escrever. Era daquele jeito que eu fiquei. Meu Deus, como é que eu vou dar conta disso tudo? E era de manhã e à tarde que eu dava aula. E aí, eu fui me acostumando. Fui me adaptando aos poucos. Mas no começo foi bem difícil. Até pra dormir eu não conseguia dormir. Aí no outro dia acordar cedo naquela rotina. Aí tinha criança que era muito difícil mesmo. A gente explicava mais de cinco vezes, não entendia. Aí eu ficava, meu Deus do céu. Até que eu fui conseguindo guiar um pouco (Eugênia, Entrevista, Rio Branco/Acre, julho ,2024).

Em sua narrativa a professora expõe sobre as necessidades educacionais dos alunos, apresentando também o seu processo de adaptação aquele contexto. Aqui podemos observar que, ao se deixar afetar pela rotina com os alunos, bem como os fatores sociais, culturais e geográficos, vale ressaltar, a formação inicial bem como as

práticas que esses professores residem nessas escolas- as práticas pedagógicas aprendidas na universidade já não se faziam aplicáveis, tornando-se necessário se reinventar naquela realidade.

Quanto ao sujeito da experiência, nesse estudo sendo os professores atuantes em escolas no contexto da Amazônia Acreana, Jorge Larrosa o classifica como sendo, “(...) aquele que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer (Bondía, 2002, p.19)”. Para o autor, o sujeito da experiência seria como um território de passagem, como uma superfície sensível que se deixa afetar, se deixar produzir afetos, mas que também deixa nesse espaço algumas marcas. “O sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (Bondía, 2002, p.19). Nesse sentido, ele está disposto a uma receptividade, a disponibilidade, a uma atenção. Podemos inferir que os docentes atuantes nas escolas que tenham o contexto de floresta na Amazônia - tidas como de difícil acesso baseadas em uma narrativa a partir do olhar do outro, aquele que a ver inferiorizada e fixada na memória social - passam a partir de suas experiências docentes a ser este sujeito da experiência.

A experiência ocorre para aquele que está disposto a percebê-la. Podem ter professores que vivenciaram as escolas em contexto de floresta, mas não foram tocados por ela. No relato da professora Eugênia, ela expõe sua sensibilidade ao perceber a necessidade de adequar, ou se reinventar em suas práticas educacionais, tornando-se necessário procurar outros meios que possam auxiliá-la.

Não, eu acho que é porque eu acho que me adapto muito. Os alunos se adaptam muito a mim, sabe? Então, se eu acho que ele tá achando... Se eu tô achando que eles estão no conteúdo difícil, se não tá desenvolvendo, eu tento facilitar mais pra eles. Eu tento ver uma maneira mais concreta, que eles enxergam assim, que seja mais fácil pra eles aprenderem (...) a divisão pra eles são difíceis. Aí o que eu faço? Não, vou ensinar conforme pra eles aprenderem mais rápido. A divisão eu tenho que utilizar... Primeiro é dividir, depois vem a multiplicação, depois a subtração (...) aí eu vou pelas bases mais

concretas que eles saibam. Ah, tá. Pra me facilitar pra eles (Eugênia, Entrevista, Rio Branco/Acre, julho, 2024).

No relato da professora, ela aborda as dificuldades educacionais dos seus alunos pós-pandemia da Covid-19. Ela explica como realiza as adaptações nos conteúdos presentes no currículo de ensino para sua turma, vale ressaltar que as escolas em contexto de floresta, nos ramais, varadouros ou ribeirinhas não tem uma matriz curricular específica. Nesse sentido, apesar de se tratar de um ambiente de múltiplos saberes e culturas, os conhecimentos científicos são voltados às necessidades educacionais dos urbanocentros. A professora Eugênia durante sua narrativa relata a sua tentativa de “desconstrução” da organização e metodologia dos conhecimentos científicos destinados a multisseriada por ela responsável.

Com sua sensibilidade ao visualizar as possibilidades do ensino para além dos moldes de um tipo de ensino a ser aplicado, ela procura outras maneiras que possam ajudar seus alunos, como por exemplo, aproximar os saberes por eles compartilhados com os que ela precisa ensinar. Ao pensarmos numa perspectiva de educação maior, formulada a partir de uma macropolítica a serviço de determinado poder, a experiência da professora Eugenia e sua abertura ao permitir-se ser tocada pela realidade de seus alunos bem como suas relações, culturas e saberes em uma comunidade na Amazônia Acreana, por ela até então desconhecida a possibilitou produzir o que Gallo (2002) intitula como uma educação menor.

A educação menor “é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas (...) está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um (Gallo, 2002, p.123)”. Ao perguntar a professora sobre o impacto de suas experiências docentes em sua vida pessoal e profissional, a docente respondeu:

Eu acho que eu melhorei bastante, porque como era aprender no começo, eu não sabia de muitas coisas, né. Pra gente aprender, a gente tem que aprender, primeiramente, a lidar com nós mesmos, porque a

gente tem problema até demais na cidade, né, a gente chega aqui e vê outra visão. E até porque a gente melhora. Eu acho que eu melhorei como professora, como mãe, como filha pra minha mãe, a gente vê umas realidades bem diferentes do que a gente não costuma ver na cidade, né. A gente vê coisas assim que nós ficamos... Eu, na minha cabeça, quando eu cheguei aqui, eu nunca pensei que isso ia acontecer de novo, porque isso é muito tempos atrás, né. Muito tempos atrás que existiam essas coisas, assim, de não ter muita tecnologia, porque aqui eles não têm muita tecnologia. Aí, tipo, aqui abriu outro mundo pra mim se enxergar. Aí eu fico nossa, é muito diferente da realidade que eu tinha na cidade. E muitos professores não sabem nem a realidade daqui, né. Igual na Urbana, tem professores que se vêm pra cá, ficam nossa, nunca pensei na minha cabeça que isso ainda existe (Eugênia, Entrevista, Rio Branco/Acre, julho, 2024)".

Por meio do seu relato foi possível observar a importância de suas experiências, a partir da vivência na escola em contexto de floresta trouxe a possibilidade da professora se permitir tocar por uma realidade por ela desconhecida, a possibilitou visualizar novas possibilidades naquele ambiente, como por exemplo a produção de saberes outros, podemos dizer que a forma de olhar a comunidade em que a escola está inserida foi modificada a medida da sua interação com o ambiente e sujeitos habitantes daquele espaço.

Sobre a produção de saberes no contexto de floresta na Amazônia Acreana, a professora relatou:

(...) a gente também aprende muito com os alunos. Os alunos ensinam a gente, né. Eu chego aqui, eu ensino em eles, mas eles me ensinam o dobro de todos os dias. Todos os dias eles vêm com umas conversas diferentes, um ensinamento, comida assim, fruta assim que eu nunca nem vi na minha vida. Aí eu, meu Deus do céu, como é que pode? Aí eles falam, ah, é porque é senhora da cidade (Eugênia, Entrevista, Rio Branco/Acre, julho, 2024).

A narrativa apresentada pela professora expõe mais um ponto importante ao estudarmos sobre a experiência docente e a produção de saberes nas escolas em

contexto de floresta a troca de conhecimentos produzidos no cotidiano escolar possibilitam olhar este ambiente amazônico por uma perspectiva distinta das reforçadas socialmente, Como Gallo (2002) nos ensina, é necessário quebrar os mecanismos das máquinas de controle, criando possibilidades de educação.

Considerações Finais

A partir de um breve levantamento sobre os discursos em torno das amazônias, podemos pontuar as influências que os discursos hegemônicos produziram nas formas de olhar e narrar esses espaços. Os reflexos dessa estrutura ocidental, para além do seu aspecto geográfico nos levou a produzir sentimentos de desvalorização de nossa própria cultura. Tudo aquilo que não se assemelha aos moldes do centro passa a ser visto como não adequado, a perspectiva de unificação do que sobra dos territórios que não se adequam a estrutura é uma forma de controle. No estudo apresentado anteriormente, Stuart Hall discuti sobre as influências dessa construção histórica e discursiva.

As experiências dos professores atuantes nas escolas em contexto de floresta na Amazônia Acreana, por meio de suas narrativas nos apresentaram os reflexos que os discursos das ausências, discutido pelo professor Francisco Bento exercem papéis determinantes nos processos de imaginação e significação, sendo estes direcionados especificamente as comunidades distanciadas dos centros urbanos da cidade de Rio Branco, no estado do Acre.

Outro ponto importante refere-se aos processos de desconstrução ou de ressignificação a partir da experiência profissional e a abertura da professora Eugênia ao se deixar tocar pela realidade por ela vivenciada, proporcionando-a ter contato com pluralidade de saberes outros, considerados não científicos, mas com total relação e relevância com as necessidades de seus alunos. Assim, podemos compreender que, ao estarmos abertos a olhar a multiplicidades existentes no ambiente da Amazônia

Acreana, seja por meio da visibilidade e construção de narrativas que retratem as diferentes culturas, modos de vida, de educação e produções de conhecimento nestes espaços, possibilitaremos desdizer ou desestabilizadas os imaginários e discursos em torno destes ambientes.

Referências

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; SARRAF-PACHECO, Agenor. **Uwa'kürü** – dicionário analítico – volume 1. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Universidade de Barcelona**, V.19, tradução de João Wanderley Geraldi, jan/abr, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

I ENCONTRO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DA REGIÃO NORTE. Mesa redonda: “os estudos linguísticos e literários e a geopolítica amazônica. Organização Gerson Alburquerque. Rio Branco: 2017. Vídeo online (22 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyDAXgXVXbo&t=3s> Acesso em 30 de agosto de 2023.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel**: a história das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

GALLO, Silvio. **Em torno de uma educação menor**. Revista educação e realidade, Jul/dez, 2002.

HALL, Stuart. O ocidente e o resto: discurso e poder. Trad. Carla D'elia. **Projeto História**, São Paulo, n. 56, Mai-Ago. 2016.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. **Literaturas e Amazônias**: colonização e descolonização. Rio Branco: Nepan, 2015. pp. 19/35

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

SILVA, Francisco Bento. **Acre, formas de olhar e de narrar**: natureza e história nas ausências. Rio Branco: Nepan, 2020.

Submetido: 09/07/2025

Aceito: 16/12/2025